

excitação dos quais a configuração perversa pode ser um dos êxitos. Talvez por causa disso a crise da psicanálise seja mais aguda nos países em que a disciplina psicanalítica se desenvolveu sem uma ligação forte com a sociedade na qual está imersa. Por exemplo, penso que esta crise não seja tão aguda no Brasil e nem o é, até agora, na Itália. Na minha nação não temos uma verdadeira crise, ainda que muitas escolas ou orientações terapêuticas alternativas ganharam força entre nós nos últimos vinte anos. A Sociedade Italiana sempre esteve aberta ao mundo que a cercava, aos serviços psiquiátricos ou aos locais de ensino [as Universidades]. No concreto do nosso operar analítico, a neutralidade consiste em não interferir com as nossas expectativas, as nossas convicções ou os nossos preconceitos em relação ao desenvolvimento do paciente. Mas nós estamos sempre em um contato emocional com o paciente, se não queremos que ele se perca, não ficamos emocionalmente distantes.

Daí a importância de monitorar nossa contratransferência. O problema é como manter esse contato emocional com o paciente perverso, isto é, como não responder com um distanciamento ao seu próprio distanciamento. Uma das maneiras de manter o interesse do analista em contato com o paciente perverso é justamente o tentar constantemente se colocar no lugar dele para entender profundamente qual é sua maneira de funcionar.

Descobriremos então coisas muito interessantes que estimularão nossos pensamentos e que produzirão um útil confronto com o paciente, abrindo, com o tempo, alguns espaços para o seu desenvolvimento. O progresso consistirá na sua possibilidade de subtrair-se ao domínio da estrutura psicopatológica excitada [uma espécie de retiro no corpo] que o domina e o abrir-se à compreensão das emoções e das relações humanas.

Perguntas de Priscila Cápua Maia

- O "paciente-bloqueio" se encontra impedido por seu trauma emocional até que possa viver uma nova experiência onde tenha oportunidade de construir algo nunca antes experimentado. O senhor poderia falar um pouco mais sobre essa idéia?

- O senhor diz que "A transferência depende não só das projeções do paciente como das respostas conscientes e inconscientes do analista cuja atitude emocional influencia, facilita, inibe ou transforma as projeções do mundo interno do paciente", diz ainda: "[...] utilizamo-nos de nossa intuição emocional enquanto o paciente não pode utilizar-se da sua própria plenamente". A sua afirmação me remeteu para a importância do processo de análise do próprio analista. Como o analista pode chegar a esse estado de mente generoso e eficaz?

Estou convencido que muitíssimos pacientes nunca experimentaram [a não ser por breves momentos] verdadeiras boas relações na infância. A psicanálise nada mais é que um meio para promover o crescimento mental, que pode acontecer mediante uma dependência, útil ao desenvolvimento, de um novo objeto [o analista]. O paciente deveria, ao longo da análise, desenvolver um aparato emocional capaz de registrar e utilizar as próprias emoções para compreender a si mesmo e aos outros. Por esta razão, creio que o analista deve tomar dentro de si o paciente com toda sua carga de incapacidade, bloqueios e distorções. Ele deve ter em mente qual é o desenvolvimento sadio e quais são os elementos traumáticos que podem favorecer déficits emocionais ou retiros psicopatológicos. Esta minha visão [que certamente pertence a muitos analistas contemporâneos ou do passado] coloca o acento sobre experiências não vividas e não desenvolvidas, mais que no uso de operações defensivas, que colocariam fora, de uso de alguns mecanismos mais sadios. Eu creio, ao contrário, que muitos pacientes nunca tenham experimentado condições úteis ao desenvolvimento e não possuem aquele tecido de experiências que é possível ter após um encontro estável com objetos receptivos.

É justamente na relação analítica que estas novas experiências transitam e se desenvolvem pela primeira vez. Trouxe um exemplo desse desenvolvimento falando de algumas manifestações de amor idealizado que pode caracterizar o surgir de uma transferência erótica. Este fenômeno aparece em toda sua evidência quando tratamos de alguns pacientes graves [perversos, *borderline*, psicóticos]. Uma vez saídos da estrutura psicopatológica que os dominava, eles parecem completamente

desprovidos de meios para enfrentar as emoções que eles não conhecem e que nunca experimentaram.

Tudo isso está relacionado com uma das tarefas principais da análise. Objetivo da análise é conseguir fazer com que os pacientes desenvolvam uma verdadeira identidade. Frequentemente, os pacientes vivem em um mundo de imaginação ou imersos em uma pseudo-identidade. A verdadeira identidade depende da capacidade de ter vínculos reais e de ter consciência das próprias emoções. A relação analítica deve conduzir os pacientes no espaço da realidade emocional e psíquica.

O próprio analista tem de possuir uma visão complexa da própria vida psíquica e ter uma grande disponibilidade para favorecer o crescimento mental de outros seres humanos.

Deve ser muito ligado à vida e ao prazer da generosidade. Em outras palavras, deve ter consciência do próprio sofrimento passado e da gratidão em relação a quem o ajudou a superá-lo [o próprio analista].

Supervisão entre pares

Na manhã de sábado, 31 de maio, tivemos o segundo encontro da *Supervisão entre pares*.

Adriana Portugal apresentou um caso clínico que motivou discussão sobre a teoria da técnica psicanalítica e do manejo clínico. O encontro foi estimulante e resultou numa manhã proveitosa para os alunos e membros presentes. Fomos levados a pensar alguns conceitos de Winnicott e Ferenczi, que ela está estudando.

Eliane Carlman comentou passo a passo o caso clínico da colega, expressando suas idéias com bastante clareza e competência.

Saimos com a certeza de que essas discussões clínicas são sempre muito importantes na medida em que nos oferecem a oportunidade de refletir e aprender cada vez mais.

Ana Paula Queiroz Petros

Jornada de Supervisão Cruzada

Na primeira rodada da Supervisão cruzada, que se dividiu em duas sextas-feiras, tivemos o privilégio de contar com a participação de Doin como supervisor do material clínico apresentado por candidata da Rio1.

Doin fez uma introdução percorrendo sobre o ato de supervisionar, destacando a qualidade íntima da supervisão, a qual exige encontro a dois. A supervisão em grupo como aquela encontraria, portanto, logo de início, uma barreira. Porém, mesmo com esta restrição, Doin se dispôs a examinar e discutir junto conosco o material clínico trazido. E, como era de se esperar, mostrou aspectos sutis da relação analista-paciente.

Abordar e penetrar na natureza da clínica psicanalítica, na subjetividade do encontro de cada dupla, nos meandros do universo psíquico nos deixa sempre tomados de surpresa e indagações. Experimentar o encontro, seja com o paciente o supervisionando, ou mesmo com os parceiros da vida, e poder comunicar nossa compreensão daquilo que estamos vivendo, desenvolve nossa capacidade de reflexão e amplia a criatividade.

Foi isso que experimentamos na noite de 20 de junho de 2008.

Sonia Eva

Supervisão Cruzada

Na noite do dia 27 de junho, sexta-feira, tivemos a segunda rodada das supervisões cruzadas. Karla Loyo, aluna do nosso Instituto, fez uma bela apresentação, mostrando-se uma analista sensível, atenta e reflexiva. A seguir, num clima cordial, Judit Letsche, supervisora da Rio1, teceu seus comentários, de maneira clara e delicada. Foi aberta a discussão com o público, que participou ativamente trazendo ricas contribuições. Vale destacar que todos ressaltaram a habilidade de Karla, realçando suas qualidades como analista. Fiquei orgulhosa de Karla e feliz com a psicanálise.

No segundo tempo, tivemos a apresentação de Sergio Zusman, da Rio3, com supervisão de Eliana Lobo, da Rio4. Mais uma vez o clima foi de cooperação, todos empenhados na compreensão da paciente e nas dificuldades da clínica psicanalítica.

Ao final, vários analistas cumprimentaram Sonia Eva pela iniciativa deste evento, que possibilita o convívio mais próximo das Sociedades do Rio. Ganhamos todos nós!

Christina N S Cavallari

Michael e Margaret Rustin

Intervenção e Compreensão Psicanalítica da Criança e do Adolescente Hoje

No dia 05 de setembro receberemos a visita de Michael e Margaret Rustin, da Clínica Tavistock de Londres e da Sociedade Britânica de Psicanálise. Na ocasião, eles farão 03 conferências no Colégio Brasileiro de Cirurgias sobre temas atuais e vinhetas clínicas de psicoterapia com crianças e adolescentes, bem como de questões do pensamento analítico aplicado ao social, político e cultural.

Margaret Rustin é professora visitante da Escola de Ciências Sociais e Estudos Culturais da Universidade de East London; é chefe do Departamento de Psicoterapia Infantil da Clínica Tavistock e Portman de Londres e membro honorário afiliado da Sociedade Britânica de Psicanálise, onde leciona e é supervisora da formação de psicanalista de criança.

Atualmente seus principais interesses são os desafios e complexidades do trabalho com famílias adotivas; os relacionamentos intra-familiares [pais, avós, irmãos e outros] e a relação entre literatura e Psicanálise. Ela também é muito ativa como professora e conferencista internacional. Seus livros incluem: *Closely Observed Infants* (Duckworth 1989), *Assessment in Child Psychotherapy* [Karnac Books], *Mirror to Nature: Drama Psychoanalysis and Society* (Karnac Books 2002), *Narratives of Love and Loss: Studies in Modern Children's Fiction* [Verso 1987, republished Karnac 2001].

Michael Rustin é professor de Sociologia da Universidade de East London e Professor Visitante da Clínica Tavistock e Portman de Londres. É membro Honorário afiliado da Sociedade Britânica de Psicanálise e atualmente presidente de sua Sessão Aplicada. É autor de muitos trabalhos que versam sobre a aplicação da psicanálise às questões sociais e culturais, metodologia na interface da sociologia com a teoria e clínica psicanalítica.

Suas publicações incluem *The Good Society and the Inner World* [1991] - *A Boa Sociedade e o Mundo Interno* [2000], *Reason and Unreason: Psychoanalysis, Science Culture* [2001].

Atualmente Michael e Margaret Rustin trabalham em dois livros: *Lendo Klein*, a ser publicado pelo Instituto de Psicanálise/Routledge e *Métodos de Pesquisa Psicanalítica* a ser publicado pela Karnac.

O evento será de 08.30 as 17.30 e a inscrição R\$120,00 [cento e vinte reais]. Acompanhe as informações, pois as inscrições serão limitadas.

Psicanálise dos Vínculos: Família e Casal

Nos dias 06 e 07 de junho, realizou-se em nossa sede o evento que contou com 120 participantes. Aproveitamos para agradecer a todos por sua presença e colaboração. O encontro foi promovido pelo Comitê de Família e Casal da SBPRJ com o apoio do Conselho Científico e da FEPAL.

Eram 03 os convidados estrangeiros, Dra. Janine Puget, Dra. Sonia Kleiman e o Dr. Isidoro Berenstein, que não pôde viajar por recomendação médica, mas enviou seus três textos, que foram lidos e discutidos. Contamos ainda com a participação do Dr. Lindemberg Rocha, Olga Ruiz Correa, Myriam Lins de Barros e Terezinha Féres-Carneiro.

Agradecemos também aos coordenadores de mesa por sua gentil participação. E ainda a Eliana Cotrim Levcovitz e Flavia Strauch pela elogiada apresentação de material clínico.

Queremos informar que foram adquiridos 13 novos livros sobre o tema psicanálise dos vínculos, família e casal, visando ampliar a bibliografia disponível. Os títulos estão publicados neste Intervalo.

Maria Helena Junqueira
Eliana Cotrim Levcovitz
Adriana Lasalvia

Torcida por Vocês!

Ele vai casar! Foi com muita alegria que encontramos o seu convite no painel da Sociedade. Imediatamente, mobilizamos-nos para lhe presentear e mostrar nossa gratidão pelo que ele tem feito para a Sociedade e por cada um de nós nestes dez anos de trabalho.

O seu sorriso largo, a sua tranquilidade, mesmo sob a pressão do trabalho, por vezes intensa, sua disposição para aprender e enfrentar os desafios, e a sua delicadeza são qualidades preciosas numa relação. Daniel entra no casamento com este tesouro.

Em nome da SBPRJ o jornal "Intervalo Analítico" deseja "ao casal" os mais sinceros e afetuosos votos de felicidades em seu casamento e aproveita a oportunidade para estender ao querido André Fernandes Felício, que também se casou em janeiro deste ano, as nossas felicitações.

A seguir um texto enviado pelos colegas da secretaria.

Monte Castelo - Legião Urbana.

Composição: Renato Russo [recortes do Apóstolo Paulo e de Camões].

*Ainda que eu falasse
A língua dos homens
E falasse a língua dos anjos
Sem amor, eu nada seria...*

*O amor é o fogo
Que arde sem se ver
É ferida que dói
E não se sente
É um contentamento
Descontente
É dor que desatina sem doer...*

*É um não querer
Mais que bem querer
É solitário andar
Por entre a gente
É um não contentar-se
De contente
É cuidar que se ganha
Em se perder...*

*Estou acordado
E todos dormem, todos dormem
Todos dormem
Agora vejo em parte
Mas então veremos face a face
É só o amor, é só o amor
Que conhece o que é verdade...*



*É só o amor, é só o amor
Que conhece o que é verdade
O amor é bom, não quer o mal
Não sente inveja
Ou se envaidece...*

*Ainda que eu falasse
A língua dos homens
E falasse a língua dos anjos
Sem amor, eu nada seria...*

*É um estar-se preso
Por vontade
É servir a quem vence
O vencedor
É um ter com quem nos mata
A lealdade
Tão contrário a si
É o mesmo amor...*

*Ainda que eu falasse
A língua dos homens
E falasse a língua dos anjos
Sem amor, eu nada seria...*